



Réplica No. 5

PEDRO PABLO ARÉVALO

(CIG 2023-2024, AME EPFCL, FFCLE-F8 - Foro Psicoanalítico de Barcelona)

"Testemunhos e testemunhos"¹

*Há golpes na vida, tão fortes ... Eu não sei!
 Golpes como do ódio de Deus; como se ante eles,
 a ressaca de todo o sofrido
 se empossara na alma... Eu não sei! (...)
 Serão, talvez, os potros de bárbaros atilas;
 ou os arautos negros que nos manda a Morte.
 César Vallejo (1918), "Os arautos negros"*

Na réplica anterior, Carmine Marrazzo retoma e amplia um ponto abordado no Argumento da Jornada da Escola da IV Convenção Europeia, o da relação entre experiência, transmissão e testemunho no passe, em uma comparação com outro domínio em que essas noções se aplicam: as guerras, o Holocausto e os traumas em geral. Marrazzo se refere a vários autores que têm escrito sobre o Holocausto, alguns deles sobreviventes desse pavoroso horror, e faz perguntas sugestivas sobre

¹ Este texto se beneficia do debate de alguns pontos da apresentação de Ana Alonso sobre "Transmissão e formação do analista", na sessão de 05/05/2025 do Seminário "A formação do analista, de Freud a Lacan", atividade aberta à IF-EPFCL, inscrita no Fórum Psicanalítico Barcelona. Disponível em vídeo.

possíveis efeitos ou semelhanças com a psicanálise em geral e o passe em particular. O tema já tinha sido abordado por Didier Castanet em seu artigo “O testemunho: entre verdade e ato”, na *Wunsch* 25 (p. 17), publicada recentemente.

Embora se entenda a ênfase no Holocausto como forma extrema de genocídio, na realidade a história humana está repleta de espantosos assassinatos em massa, bem como de atrocidades individuais e em grupo. Sinto certo pudor em mencionar esses, que são os atos mais abomináveis atribuídos ao homem, sem me dedicar a denunciá-los, atacá-los e rebaixá-los. O fragmento de “Os Arautos Negros” na epígrafe é uma forma de me permitir não o fazer.

Quem testemunha um trauma sofrido, seja em massa, em grupo ou individualmente, o faz a partir de sua própria subjetividade. As razões para fazê-lo podem ser muito variadas: a necessidade de apagar algo da terrível marca que lhes foi deixada, a tentativa de assimilar, em alguma medida, o horror do que viveram, a busca do reconhecimento de sua condição de vítima e a denúncia do agressor, entre outras. O testemunho perde seu valor por ser um relato subjetivo? Em minha opinião, não, mas seria necessário realizar uma análise mais aprofundada, o que está além do alcance deste breve texto.

Na psicanálise, temos a prática do testemunho, penso que de duas maneiras diferentes. Em primeiro lugar, os relatos dos pacientes durante sua análise, mesmo que não os chamemos assim, incluem testemunhos dos sofrimentos que sofreram ao longo de suas vidas, independentemente de sua natureza, individual, grupal ou coletiva. Por outro lado, temos os testemunhos do passe, os dos passantes ante os passadores. Há também os dos passadores para o cartel do passe, mas, no momento, não os incluo nesta elaboração.

Ainda que o dispositivo do passe seja para testemunhar da passagem de analisando a analista, as razões para solicitá-lo podem ser muito diversas, como exponho no meu artigo “Por que o passe?”, incluído em Wunsch 25 (p. 27). Para o presente texto, vou me limitar aos casos em que realmente surgiu um analista como produto da análise e, portanto, houve um final conclusivo, ou está em vias de alcançar esse lugar.

Os “testemunhos” feitos no decorrer da análise são semelhantes aos das vítimas de atrocidades, na medida em que ambos são feitos a partir da subjetividade de cada um. Ocorrem, no entanto, em espaços muito diferentes, um público e o outro privado, um com o caráter do semblante, o outro favorável à elaboração do real. Em ambos casos, é um “«eu» solitário que procura desesperadamente o Outro e sua garantia”, para usar as palavras de Anastasia Tzavidopoulou².

Quanto aos testemunhos do passe, eles também são feitos a partir da subjetividade, mas, nesse caso, trata-se de uma subjetividade transformada, por assim dizer. Concluída a análise, não há mais uma visão fantasmática do que foi vivido, o Outro perdeu sua consistência e o curso da análise deve ter produzido um grande esvaziamento de gozo, para mencionar apenas três elementos que marcam uma diferença insuperável. Além disso, embora aquele que testemunha de um trauma busque, de alguma forma, assimilar o que aconteceu, reduzir o horror, aquele que testemunha no passe é alguém que já o fez, que já o alcançou, isso e muito mais, depois de muitos anos e inúmeras ocasiões de “testemunhá-lo” e elaborá-lo em sua análise.

Um é mais verdadeiro do que o outro? Bem, sem dúvida, seria de se esperar que um testemunho de passe tivesse menos viés subjetivo e fosse menos carregado de

² “O imperativo da solidão: satisfações epistêmicas, entusiasmo efêmero”, em Wunsch 24, p. 39.

gozo, mais próximo da realidade “objetiva”. Por outro lado, na psicanálise, a verdade tem um significado e um valor muito diferentes dos da esfera pública, da ciência ou do direito, por exemplo.

Uma digressão necessária, com relação ao significante “dejeito”. Essa noção tem para nós, psicanalistas lacanianos, um grande valor teórico e clínico, referente ao desejo de saber no real como produto da passagem de analisante a analista: *“Não há analista se esse desejo não lhe chega, ou seja, ele já é o dejeito da referida (humanidade)”*.³ Não posso, no entanto, fazer uma comparação, não sem um mínimo de elaboração, com o significante “dejeito” com referência a genocídios e outras atrocidades cometidas pelo homem contra o próprio homem. Meu comentário no segundo parágrafo, no início, explica o porquê.

Para concluir, comento de forma sucinta que, ao examinar as histórias de testemunhas de crimes de guerra, a ocorrência de falsos testemunhos chama a atenção. Com relação ao Holocausto, os casos de Enric Marco, Benjamin Wilkomirski, Misha Defonseca e Joseph Hirt, entre outros, são bem conhecidos. Similarmente, em qualquer outro genocídio. Deixando de lado as razões pelas quais os falsos testemunhos ocorrem, surge a pergunta: existem falsos testemunhos na psicanálise? No que diz respeito ao curso da análise, é claro que os pacientes não apenas contam sua história subjetivamente, mas podem até incorporar falsidades, encobrir memórias e outras manifestações da verdade mentirosa. Isso não nos surpreende. Faz parte do material de trabalho.

E no passe? É interessante a questão de se algum passante que não fez a passagem de analisando a analista, nem chegou a um final de análise conclusivo, pode, no

³ Lacan, J. (1973/2003). “Nota italiana”, em *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

entanto, simulá-la tão bem a ponto de enganar os passadores e o cartaz do passe. Não sei se é possível chegar a uma resposta definitiva por meio da lógica, mas, em todo caso, é necessário considerar que, no testemunho do passe, o que se tenta transmitir não é transmissível por meio dos ditos e do semblante, é algo da ordem do dizer e do gozo (existe uma maneira de simulá-los?). Não sei se um ator tão brilhante existe ou existiu entre as centenas de analistas que passaram pelo passe, embora não me surpreenderia se alguém o tivesse tentado ou viesse a tentar no futuro. Mas eu duvidaria muito do sucesso de uma tarefa semelhante.

Paro nesse ponto e passo o bastão para o próximo replicante.

Tradução: Pedro Pablo Arévalo. Revisão: Andréa Brunetto.